

Silviano Santiago: ferocidades intelectuais/ *Silviano Santiago: intellectual ferocities*

Pedro Henrique Alves de Medeiros*

Edgar César Nolasco**

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo traçar um paralelo teórico-conceitual entre a capa do livro *Machado* (2016) do intelectual Silviano Santiago com o seu texto literário e, sobretudo, com a inscrição biográfica do autor nas relações culturais erigidas pelos discursos artísticos, quer sejam eles imagéticos ou literários. A inscrição do eu, as relações culturais contemporâneas traçadas pelo escritor e a diluição das fronteiras disciplinares como sintoma das teorias culturalistas são temáticas (re)correntes das nossas assertivas. Desse modo, na esteira do recorte epistemológico supracitado, é substancial que o lugar de onde erigimos nossas teorizações seja marcado, isto é, a fronteira-Sul que é um lócus geoistórico tanto de aproximação, quanto de distanciamento. Uma região alocada na exterioridade dos eixos críticos hegemônicos, mas que, por sua vez, está em constante produção intelectual pensando teorias que possam dar conta dessas produções artísticas que demandam epistemologias outras que não as exportadas de grandes centros urbanos mundiais (BHABHA, 2013) e aglutinadas nas margens do planeta. Nesse sentido, o trabalho se sustenta teoricamente pela crítica biográfica fronteira proposta, essencialmente, por Edgar César Nolasco, além de outros teóricos que corroboram a discussão, entre eles Eneida Maria de Souza, Walter Mignolo, Edward W. Said, Diana Klinger e Jovita Maria Gerheim Noronha. Assim, algumas das obras utilizadas são: *Crítica cult* (2002), *Janelas indiscretas* (2011), *Teorizar é metaforizar* (2016), *Histórias locais/projetos globais* (2003), *Representações do intelectual* (2005), *Escritas de si, escritas do outro* (2012), *Ensaio sobre autoficção* (2014) e *Meditações sobre o ofício de criar* (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Crítica biográfica fronteira; Autoficção; Cultura; Silviano Santiago; Intelectual

ABSTRACT

*This work aims to draw a theoretical-conceptual parallel between the cover of the book Machado (2016) of the intellectual Silviano Santiago with his literary text and, above all, with the biographical inscription of the author in the cultural relations erected by the artistic discourses, be them Imaginary or literary. The inscription of the self, contemporary cultural relations traced by the writer, and the dilution of disciplinary boundaries as a symptom of culturalist theories are the (current) themes of our assertions. Thus, in the wake of the aforementioned epistemological clipping, it is substantial that the place from which we have erected our theorizations is marked, that is, the South-frontier that is a geo-historical locus of both approximation and distance. A region that is located outside the critical hegemonic axes, but which is in constant intellectual production thinking theories that can account for those artistic productions that demand epistemologies other than those exported from large urban centers around the world (BHABHA, 2013). Agglomerated on the shores of the planet. In this sense, the work is theoretically supported by the frontier biographical criticism proposed, essentially by Edgar César Nolasco, as well as other theorists who corroborate the discussion, among them Eneida Maria de Souza, Walter Mignolo, Edward W. Said, Diana Klinger and Jovita Maria Gerheim Noronha. Thus, some of the works used are: *Crítica cult* (2002), *Janelas indiscretas* (2011), *Teorizar é metaforizar* (2016), *Histórias locais/Projetos globais* (2003), *Representações do intelectual* (2012), *Ensaio sobre autoficção* (2014) and *Meditações sobre o ofício de criar* (2008).*

KEYWORDS: Frontier biographical critique; Autofication; Culture; Silviano Santiago; Intellectual

* Graduando pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil, pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com

** Doutor pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil, ecnolasco@uol.com.br

1 Introdução

As atuais tendências da crítica literária brasileira voltadas para os estudos literários, a crítica biográfica e os estudos culturais, merecem tratamento cuidado por parte de nossos intérpretes. Diante da abertura teórica instaurada pelas abordagens contemporâneas, os limites entre os territórios disciplinares são enfraquecidos, provocando o questionamento dos lugares produtores de saber, assim como dos conceitos operatórios responsáveis pela produção de paradigmas e de metodologias críticas. A crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção. (SOUZA, 2002, p. 111)

O objetivo deste texto é (re)ler a capa da obra *Machado: romance* (2016), do intelectual brasileiro Silviano Santiago, à luz das proposições críticas biográficas fronteiriças, em confluência com o texto literário do romance e com os diálogos culturais que essas expressões artísticas corroboram. (Re)visitar de modo teórico a imagem do rinoceronte (feroz por excelência) explicitada na porta de entrada do romance é, metaforicamente, revitalizar o perfil intelectual de Silviano na tradição literária e crítica brasileiras.

Silviano Santiago é um pesquisador, crítico, escritor e intelectual brasileiro que dispôs sua carreira acadêmica a escrever e discutir questões acerca da literatura brasileira e, sobretudo, da cultura do nosso país. O mineiro possui obras de grande importância literária e teórica para os debates intelectuais de nossa época, tais como *Em liberdade* (1981), *O falso mentiroso* (2004), *Mil rosas roubadas* (2014) e *Machado* (2016). No âmbito teórico, podemos elencar *Uma literatura nos trópicos* (1978), *Vale quanto pesa* (1982), *Nas malhas da letra* (1989), *Cosmopolitismo do pobre* (2004) e *Genealogia da ferocidade* (2017).

Nesse sentido, a proposta deste artigo é justamente (re)ler a figura de Silviano Santiago imbricada a feroz metáfora do rinoceronte estampado na capa de seu último romance. A ferocidade do escritor, lida enquanto metaforização crítica, se fundamenta nos posicionamentos pós-coloniais e culturalistas presentes em seus textos e na relevância de suas produções para as teorias contemporâneas brasileiras. Segundo

Souza, em *Janelas indiscretas* (2011), “não se deve argumentar que a vida esteja refletida na obra de maneira direta ou imediata ou que a arte imita a vida, constituindo seu espelho. [...] *a vida imita a arte.*” (SOUZA, 2011, p. 19 – grifo nosso).

Além disso, Silviano se distancia da plêiade de escritores canonizados ao transitar entre os gêneros e entre as instâncias literárias, ora seus escritos são ficcionais, ora teóricos – por mais que o gênero seja romance, por exemplo. Outro ponto de diferenciação fundamental para se ler, pensar e escrever sobre Silviano se pauta nas questões de ordem autoficcionais. Como o próprio autor explicita no ensaio *Meditações sobre o ofício de criar* (2008), seus textos estão sempre atravessados pela escrita de si. A autoficcionalização funciona como força motora da escrita literária do mineiro e possibilita novos caminhos para ele como escritor. Segundo Silviano:

Inserir alguma coisa (o discurso autobiográfico) noutra diferente (o discurso ficcional) significa relativizar o poder e os limites de ambas, e significa também admitir outras perspectivas de trabalho para o escritor e oferecer-lhe outras facetas de percepção do objetivo literário, que se tornou diferenciado e híbrido. Não contam mais as respectivas purezas centralizadoras da autobiografia e da ficção; são os processos de hibridização do autobiográfico pelo ficcional, e vice-versa, que contam. (SANTIAGO, 2008, p. 174)

Ainda na esteira das considerações sobre a autoficção arroladas por Silviano na citação supracitada, Klinger, em *Escritas de si, escritas do outro* (2012), complementa:

Também se coloca essa questão na obra de Silviano Santiago em *Stella Manhattan* (1985) e em *Viagem do México* (1995), Santiago cria – bastidores da escrita – a ilusão de uma contemporaneidade entre a escritura e a experiência. A questão da relação do eu ficcional com o sujeito autoral já estava em pauta, de maneira alegórica, no *Em liberdade* (1981), e retornará nos contos de *Histórias mal contadas* (2004), relatos que remetem às experiências da sua formação intelectual, e na forma de uma “autobiografia falsa” em *O falso mentiroso* (2004), ficção que precisamente expõe paradoxos da identidade de quem narra. (KLINGER, 2012, p. 18)

Essa leitura de caráter cultural é possível por meio da visada crítica biográfica fronteiriça a qual nossa discussão está aquilatada. Através dos textos teóricos, principalmente, de Nolasco, Mignolo e Souza, podemos nos inscrever nas teorizações erigidas da fronteira-Sul, estabelecendo relações metafóricas entre nós críticos fronteiriços e o objeto, além de (de)marcar o lócus geoistórico/epistemológico de onde

pensamos. Há a necessidade de interromper o processo de exportação de teorias eurocêntricas/estetizantes para as margens e dar continuidade à produção de epistemologias outras que deem conta das próprias produções brasileiras.

Como bem explicitou Souza na epígrafe desta seção, a diluição entre as fronteiras disciplinares possibilitou a intersecção de disciplinas diversificadas que podem se complementar na semelhança ou, sobretudo, na diferença. Um exemplo pragmático dessa prática é justamente a proposta deste texto: estabelecer relações culturais entre a literatura e as artes visuais enquanto processos de (inter)relações críticas. Somando-se a isso, é necessário pontuar que as colocações aqui apresentadas estão atravessadas pelo olhar de sujeitos que vivem na fronteira-Sul e que pensam a partir dela: indivíduos que “aprenderam a desprender” (NOLASCO, 2015).

Mignolo, em *Histórias locais/projetos globais* (2003), afirma que a produção do conhecimento é indissociável do lócus geográfico de origem. Assim sendo, estudar Silviano Santiago, escritor brasileiro natural de Formiga/MG, é refletir e erigir uma epistemologia também desse lugar que possa dar conta de (re)ler sua literatura sem recair em provincianismos, análises psicologizantes ou estetizantes – práticas teóricas exploradas continuamente e descontroladamente pela crítica ocidental. O ponto de vista defendido pela crítica biográfica fronteiriça não é ignorar o que a modernidade e os eixos hegemônicos fizeram pela teoria, mas, sim, aprender a desaprendê-la para ler as obras locais a partir desse lugar e não de teorias viajantes. Nolasco em *Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia)* ressalta:

A visada teórica defendida pela crítica biográfica fronteiriça se, por um lado, não ignora as demais abordagens teórico-críticas, como a moderna e ocidental, por outro lado, entende que é por meio da articulação de uma epistemologia fronteiriça que se pode compreender e abarcar melhor as histórias locais desses *loci* epistemológicos e suas produções que continuam não encampados pela crítica modernas geralmente pensadas dos grandes centros do país e do mundo moderno. (NOLASCO, 2015, p. 51)

Portanto, corroborando o exposto, as obras que nortearão esse artigo são: CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: SILVIANO SANTIAGO: uma homenagem (periódicos semestrais do Núcleo de Estudos Culturais Comparados), *Crítica cult* (2002), *Janelas indiscretas* (2011), *Teorizar é metaforizar* (2016) de Eneida Maria de Souza, *Histórias locais/Projetos globais* (2003) de Walter Mignolo, *Escritas*

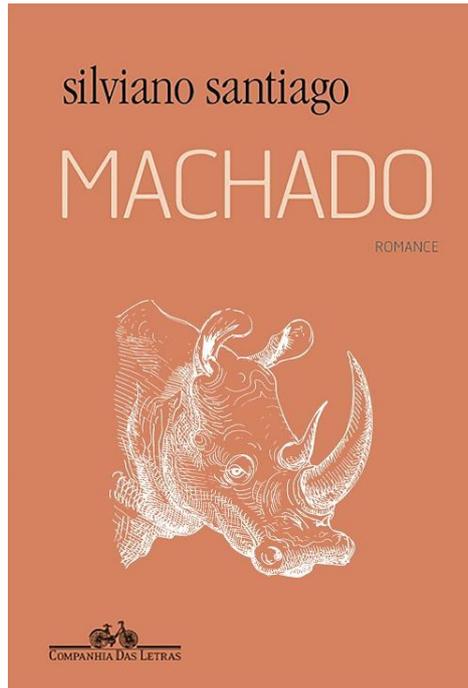
de si, escritas do outro (2012) de Diana Klinger, *Ensaio sobre autoficção* (2014) organizado por Jovita Noronha, *Representações do intelectual* (2005) de Edward W. Said e *Meditações sobre o ofício de criar* (2008) de Silviano Santiago.

2 Silviano Santiago e a ferocidade intelectual-literária

Ser especialista em literatura significa, com demasiada frequência, excluir a História, ou a música, ou a política. No final, como um intelectual totalmente especializado em literatura, você fica *domesticado e aceitar qualquer coisa que os chamados grandes especialistas nesse campo pontificam*. (SAID, 2005, p. 81 – grifo nosso)

Optamos por iniciar esta seção evocando a fala de Said em *Representações do intelectual* (2005) a fim de (re)lê-la na diferença, isto é, como uma contribuição para a tese que defendemos neste texto: o posicionamento feroz de Silviano Santiago enquanto intelectual na crítica/arte de seu tempo. Said, crítico israelense, pensa e erige suas teorizações a partir do seu lócus geoistórico que se difere, obviamente, do nosso. Nesse sentido, é possível adaptarmos sua afirmação para o contexto da crítica e literatura brasileiras quanto às disposições de Silviano Santiago. Ironicamente, Said se utiliza da palavra “domesticado” para qualificar o especialista em literatura. Aqui, o argumento se fundamenta essencialmente na metáfora de Silviano enquanto um animal feroz, tal qual o rinoceronte que estampa a capa de seu romance *Machado*. Silviano não seria um animal domesticado, mas indomável, ferino, audacioso e destemido. Observemos:

Fig. 1. Capa do romance *Machado* (2016)



Fonte: Biblioteca Pessoal.

Diante disso, é válido questionar-se como chegamos a tais conclusões e leituras metafóricas entre a figura do intelectual mineiro e a imagem que ilustra a capa do romance. Como citado em momento anterior, a crítica biográfica fronteira permite relações metafóricas entre o objeto de estudo e o crítico. Como afirma Nolasco em *Políticas da crítica biográfica*: “[...] des/construir a vida de alguém, tratar dessa vida demoradamente, viver essa vida, não deixa de ser uma declaração amorosa do crítico, onde se inscreve uma admiração, uma dívida [...]” (NOLASCO, 2010, p. 37) Por Silviano estar vivo e ainda em produção literária/crítica, há constantes trocas de correspondências entre nós. E, diante desse contato, a indagação acerca da capa se instaura e é sanada pelo escritor – dependendo da interpretação do leitor, os esclarecimentos do escritor só deram mais margens para teorizações outras. Segue na íntegra sua fala:

Caro Pedro, lamento que não haja UM significado para a capa do romance *Machado*. Foi produto do acaso. Posso, quando muito, historiar as surpresas proporcionadas pelo acaso.

Quando entreguei os originais do romance, ainda estava na Companhia das Letras Sofia Mariutti (a quem, aliás, agradeço ao final do livro). Ela me enviou duas sugestões para a capa. Uma delas, que não gostei nada, era um bico de pena de casa/residência típica do século dezenove carioca. Uma espécie de sobrado. Não podia aceitar.

A outra, que não entendi muito, me seduziu pelo mistério que ela continha. Em lugar do clássico hipopótamo machadiano, a figura de um rinoceronte. Gostei imediatamente. Talvez Sofia tenha soprado ao designer da Editora que eu estava escrevendo, ao mesmo tempo em que escrevia Machado, um ensaio sobre a ferocidade em *Grande Sertão: Veredas* (já deve imaginar que se trata do livro já publicado há dias *Genealogia da ferocidade*).

Retrospectivamente, acho que gostei do rinoceronte porque representava minha nova fase como escritor. Certo tratamento feroz com a tradição literária brasileira que, confesso, ganhou corpo escrito aí na Universidade onde estuda. [...]

Obrigado pelo interesse e pela leitura do romance.

Aceite o abraço amigo do

Silviano.¹

Isto posto, mais uma vez, as questões acerca da ferocidade/domesticação são evocadas. Em 2017, Silviano publica o livro *Genealogia da ferocidade* (2017) o qual, através da escrita ensaística, tece uma crítica à crítica domesticadora que “enjaulou” o monstro feroz *Grande Sertão: Veredas* de Guimarães Rosa. Desse modo, nos apropriamos da metáfora animalesca erigida pelo próprio Silviano para lê-lo como tal enquanto um dos maiores intelectuais da contemporaneidade brasileira. Ávila em *Amizade: o vale quanto pesa da literatura* ressalta:

O trabalho de elaboração teórica em Silviano volta-se me muitos ensaios contra a visão domesticada, indulgente e pacificadora do passado, justamente por procurar nele o elemento vivo, o que permanece presente, o que ainda nos pode mover. (ÁVILA, 2014, p. 71).

Novamente, na esteira de Said, o intelectual, quer queira, quer não, possui a tarefa de derrubar estereótipos e categorias redutoras e limitadoras do pensamento humano (SAID, 2005). Nessa direção, Santiago cumpre com excelência seu papel nas teorizações brasileiras e latino-americanas. Por se distanciar dos binarismos, por considerar produções de caráter latino-americano, ou seja, fora dos eixos hegemônicos do saber e teorizar sobre as tendências críticas contemporâneas, o autor mineiro faz seu papel crítico dialogando com as novas gerações – como o próprio Silviano já ressaltou essa necessidade de diálogo em entrevistas concedidas. Jeannelle em *A quantas anda a reflexão sobre a autoficção?* define características facilmente aplicadas a Silviano: “[...]”

¹ SANTIAGO. *Versão eletrônica por e-mail* [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com em 04 de abril de 2017.

as coisas intelectuais fazemos ao mesmo tempo teoria, combate crítico e prazer.” (JEANNELLE, 2014, p. 127)

Gomes, no texto *Entre o presente e o inadiável: considerações sobre o pensamento de Silviano Santiago*, tece diversos pensamentos sobre a carreira intelectual do autor mineiro além de comentar obras ditas como ficcionais dele. Contudo, há um momento em específico que nos chama a atenção em sua discussão: “Um dos promotores de fecundas mudanças no pensamento interpretativo, na Academia brasileira e internacional, tem sido o trabalho de Silviano Santiago.” (GOMES, 2014, p. 58) Essa fala de Gomes nos atenta no sentido em que o intelectual mineiro dedicou boa parte de sua carreira aos estudos fora do Brasil, transitando entre a Europa (França) e os Estados Unidos.

Entretanto, o modo cosmopolita de viver de Silviano não fez com que seu olhar se voltasse única e exclusivamente para os grandes centros culturais do planeta. Muito pelo contrário, o escritor se utiliza dos conhecimentos e formação obtidos fora do Brasil para não só pensá-lo da exterioridade, mas (re)vê-lo, também, da interioridade, isto é, à luz de teorizações brasileiras que releem as produções artísticas próprias desse lugar. Gomes em *De uma província ultramarina à Cosmópolis: uma aventura e ideal para Silviano Santiago* complementa essa ideia:

Mas é desse lugar-entre, dessa terceira margem, não exclusivamente lá nem cá, desse lugar diferido, não-puro, que o ponto de vista pode se deslocar: desloca-se para outros lugares, - geográficos, discursivos, culturais. Ainda deslocamentos, atualização, diversidade, contato crítico com culturas estrangeiras: trânsitos, migrações, - “apesar de dependente, universal”! Um pensamento cosmopolita do ponto de vista provinciano, sem complexo de inferioridade, suplementado paradoxalmente pelo estrangeiro. Fato relevante: o contraponto é sempre o Brasil, como deixam ver os textos sobre autores e livros da colina do *Sabático*, em que, ao puxar conversa com leitores, no sábado, pela manhã, Silviano propõe a mediação de autor estrangeiro, para olhar os tristes trópicos. (GOMES, 2014, p. 107)

Nessa esfera do cosmopolitismo, Said em *As representações do intelectual* discute justamente a relação do intelectual com a língua, sobretudo, nacional. Para o israelense, o crítico não utiliza essa língua nacional por toda a sua vida apenas por convivência, mas porque ele almeja uma perspectiva própria dele, uma entonação especial, um som particular (SAID, 2005, p. 39). Sendo assim, Silviano sendo fluente

em francês e em inglês poderia se apoiar nessas línguas hegemônicas e deixar o português, língua subalterna, de lado. Todavia, esse fato não acontece, pois, quando o mineiro percebe seu deslço com o português, após anos no exterior, retoma ao Brasil a fim de encontrar-se consigo mesmo, isto é, com a sua identidade cultural:

Tinha me dado conta de que não estava mais falando português. (...) Um dia o Alexandre Eulálio pegou um artigo meu e disse: “Silviano, vou ter que lhe dizer uma coisa: existem vários problemas de português neste seu artigo. O mais grave é o uso de preposições. Você está com problemas seríssimos de regência verbal.” Claro, regência verbal pesadíssima em francês, pesadíssima em inglês ... O comentário me deixou completamente enlouquecido. (2002, 162) (SILVIANO *apud* ÁVILA, 2014, p. 72)

Nessa perspectiva, Klinger em *Escritas de si, escritas do outro* (2014) se utiliza da obra *Histórias mal contadas* (2005), livro de contos de Silviano, para sustentar sua discussão sobre a ficcionalização da experiência de si. Essas assertivas se tornam relevantes para o debate aqui engendrado na medida em que os contos constituintes da obra supracitada são autoficções, à lá Serge Doubrovsky, das experimentações do intelectual brasileiro durante sua prática docente nos Estados Unidos. Retoma-se a citação de Jeannelle arrolada anteriormente: a prática intelectual se dá por múltiplas coisas ao mesmo tempo – neste caso, produções críticas e literárias como produto da experiência. Segundo Klinger:

[...] em vários contos incluídos no seu livro *Histórias mal contadas* (2005), Silviano Santiago faz uma ficcionalização da sua experiência de jovem universitário brasileiro n o seu primeiro contato com as sociedades francesas e norte-americanas nos anos 60. Para Santiago, é a própria ficcionalidade dos contos que os aproxima de certa verdade [...] A ficção nos aproxima muito mais da verdade do que o mero relato sincero do que aconteceu (Ilha, 2005). Nessa perspectiva, a ficção seria superior ao discurso autobiográfico pois o escritor não tem como prioridade contar sua vida, mas elaborar um texto artístico, no qual sua vida é uma matéria contingente. (KLINGER, 2005, p. 35)

Por intermédio do recorte epistemológico crítico biográfico fronteiriço, a leitura das produções de caráter teórico e ficcional não é tomada como áreas distintas, mas pela perspectiva cultural. Souza em *Crítica cult* (2002) aponta os princípios básicos da crítica biográfica, sendo um deles a conjunção entre teoria e ficção, não

estabelecendo assim uma barreira entre essas instâncias – como os estudos literários fizeram por anos. A leitura efetivada pelo crivo metafórico e cultural se dá como ganho para a crítica. A teoria se alimenta da ficção tal qual a ficção se alimenta da teoria (SOUZA, 2016). Os limites e as fronteiras antes bem consolidados, hoje, através das teorizações contemporâneas, encontram-se esfumados. Segundo Souza:

A revitalização da literatura seria, nesses termos, provocada pela justa apropriação do exercício teórico, no qual a prática da noção de sobrevivência incentiva o diálogo entre ficção e teoria, desde que a superposição de ambas as categorias resulte na revitalização de uma por meio da outra. O sopro teórico irrompe no discurso literário e vice-versa, concedendo-lhes inteiro vigor, por meio da operação intertextual, em que se subverte a primazia de um registro em relação a outro. (SOUZA, 2016, p. 220)

Ainda no viés da crítica biográfica fronteira e mais especificamente quanto à figura do crítico em relação ao seu objeto de estudo, no nosso caso, Silviano Santiago, algumas considerações são necessárias para esclarecer o ato de tratar demoradamente dessa vida, de manter a herança crítica que nos foi dada viva no presente (NOLASCO, 2010). Souza em *Janelas indiscretas* (2012) enxerga as relações teórico-ficcionais tecidas entre vida e obra como um ensejo do crítico por melhor entender o outro, uma maneira de representar o nível de leitura do crítico ao ampliar a visão partindo para o biográfico até a abstração atingida pela alegoria (SOUZA 2012).

Tal qual Silviano Santiago realizou na obra *Em liberdade* (1994), diário ficcional de Graciliano Ramos, é quando falamos do outro que falamos de nós mesmos. É por meio das relações transferenciais entre o analisado e o analisando que se fundamenta a política da crítica biográfica. O crítico biográfico ocupa um lugar de herdeiro que não apenas recebe, mas escolhe e decide sobre a vida do outro (NOLASCO, 2010). Segundo Nolasco:

Na verdade, o que a crítica biográfica faz é *especular*, no sentido derridaino do termo, sobre a “história interminável” da construção de um nome, sobre uma vida *por vir*, na tentativa de “recontar uma história impossível, a história de um débito e de uma culpa inevitáveis”. Nesse recontar crítico, o crítico biográfico aposta no que não sabe, no que não conhece sobre a vida do outro, mas que precisa saber para, assim, construir narrativamente a vida desse outro. (DERRIDA *apud* NOLASCO, 2010, p. 43-44)

Ainda que a transferência e a relação amorosa entre o crítico e o objeto sejam latentes na crítica biográfica, faz-se necessário que se mantenha o distanciamento crítico na medida em que fraternalismos são comportamentos que recorrem em senso comum e práticas acríicas, como bem explicita Ortega em *Para uma política da amizade*: Arendt, Derrida, Foucault (2009). O crítico deve ter a consciência de que as vidas se complementam na diferença (NOLASCO, 2010), pois somente o distanciamento permite o respeito e o desenvolvimento da sensibilidade e da delicadeza para o exercício da alteridade intelectual e crítica.

3 Considerações finais

Tanto Mignolo, quanto Silviano [...] não deslegitimam “as ideias críticas europeias”; antes, passam por elas e as procuram ler na diferença colonial. (NOLASCO, 2014, p. 22)

Neste trabalho objetivou-se realizar uma leitura imagético-cultural biográfica da simbologia animalesca e feroz intrínseca à imagem que ilustra a capa do romance *Machado* do intelectual brasileiro Silviano Santiago. O intuito foi trabalhar a confluência do olhar metafórico proporcionado pela crítica biográfica fronteira em diálogo com questões de ordem cultural, sobretudo, brasileiras.

Nesse sentido, a discussão pautou-se sumariamente no recorte epistemológico fronteira por ser uma produção deslocada dos eixos hegemônicos mundiais e necessitar de teorizações que possam dar conta de ler tais poéticas. O fato de sermos sujeitos que lemos, pensamos e erigimos nossos discursos críticos *a partir* desse lugar é fundamental para todo o debate arrolado anteriormente, pois, caso pensássemos, por exemplo, de um lócus europeu, a visada crítico-teórica estaria atravessada por outras epistemologias totalmente distintas.

A diluição das fronteiras disciplinares e a ampliação das visadas teóricas através de perspectivas metafóricas foram ganhos para a crítica brasileira na medida em que binarismos, análises estetizantes, psicologizantes e estruturalistas são deixadas de lado. Há um avanço latente no pensamento crítico brasileiro, sobretudo, com os escritos

de Eneida Maria de Souza e Silviano Santiago acerca das teorias culturalistas e pós-coloniais.

Além disso, como citado anteriormente, a fronteira-Sul é viva e pulsante, ela está em constante produção intelectual explicitando epistemologias próprias a fim de não (re)produzir teorias viajantes e exportadas dos centros para as bordas – como Nolasco tem feito há anos. A consciência descolonial e a desobediência epistêmica são conceitos basilares para essa teorização que emerge da exterioridade.

Por fim, Silviano Santiago cumpre seu papel como um intelectual feroz, escritor e crítico literário brasileiro por dar visibilidade a sua cultura natal, pensar, produzir e discutir os engodos desse lócus geostórico e epistemológico a partir desse lugar. As discussões erigidas por esse artigo são possíveis pelas heranças críticas que intelectuais como Eneida e Silviano deixaram às gerações mais recentes de pesquisadores.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourença de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: SILVIANO SANTIAGO: uma homenagem. v. 6, n. 11. Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. 1ª ed. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteira (Brasil/Paraguai/Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: Brasil/Paraguai/Bolívia. v. 7, n. 14. Campo Grande: Editora UFMS, 2015, p. 47-63.

NOLASCO, Edgar César. Políticas da crítica biográfica. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*: crítica biográfica. v. 2, n. 4. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 35-50.

NORONHA, Jovita Maria Gerheim (org.). *Ensaio sobre autoficção*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

ORTEGA, Francisco. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências de Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTIAGO, Silviano. “Meditações sobre o ofício de criar”. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1450>> Acesso em 24 de agosto de 2017.

SANTIAGO, Silviano. *Machado: romance*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2016.

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SOUZA, Eneida Maria de. Teorizar é metaforizar. In: CECHINEL, André (org.). *O lugar da teoria literária*. Criciúma: Ediunesc, 2016 p. 217-224.

Recebimento: 28/08/2017

Aceite: 20/11/2017